

ELES NÃO SABEM QUE O SONHO



**Martim
Avillez Figueiredo**

Uma das grandes conquistas de abril foi a legítima ascendência social de filhos de operários e agricultores. Esta nova classe média, porém, pode estar no fim do sonho

Os discursos do 25 de abril foram dirigidos à autoestima dos portugueses — deviam ter sido um pedido de desculpas à classe média. Nenhuma classe deve tanto ao 25 de abril como esta, mas também nenhuma outra tem sido tão atraída pelos políticos. Da mesma forma que a memória da revolução está em risco, também a classe média nacio-

nal pode desaparecer. Exagero?

Até 1974, a classe média praticamente não existia em Portugal. Elisio Estanque, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, usou mesmo a palavra “escassíssima” para enquadrar a dimensão do problema no seu livro “A Classe Média: Ascensão e Declínio”, publicado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (isso, uma dessas preciosidades que pode comprar no Pingo Doce). Até 1960, mostra o sociólogo, 42% da população estavam no sector primário. Gente pobre, sem instrução e de poucas aspirações sociais. Em 1991, porém, já só restavam 11% — ao mesmo tempo, a população empregada no sector terciário passou a valer mais de 51% do total. Ou seja, em 30 anos nasceu uma nova classe no país, sustentada nos rendimentos do seu emprego (público, na grande parte dos casos) e fundada na convicção de que, em comparação com os pais, dera um enorme salto na escada social. Mais de 20% dos novos ‘dirigentes’ eram filhos de operários e quase metade daqueles que frequentaram a univer-

sidade nos anos 90 provinha de famílias cujos pais não foram além do ensino básico.

Naturalmente, ajustaram a pose à sua nova condição social, ostentando com orgulho as suas casas (eram proprietários, não rendeiros), as fotografias das férias no estrangeiro (eram turistas,

Em 30 anos nasceu uma nova classe social no país, fundada na convicção de que, em comparação com os pais, dera um enorme salto na escada social

não emigrantes) e os seus empregos (onde já não se sujavam de terra). Do mesmo modo, criaram sindicatos e corporações para proteger esse estatuto, e consideraram provavelmente um preço justo a pagar o facto de quase 70% dos impostos liquidados sair do esforço do seu trabalho. Os políticos, naturalmente, alimentaram o jogo. Mas eis que a crise veio revelar a fragilidade do tabu-

leiro onde tudo isto se equilibrava.

O desemprego disparou justamente entre a classe média, e mesmo entre aquela que não trabalha por conta de outrem: quase 40% do desemprego recente foi provocado pela falência de pequenos negócios (comércio, sobretudo) que, por sua vez, representam mais de 90% de todas as empresas que faliram no país. É igualmente na educação, saúde, justiça, administração pública e poder local (os novos empregos da nova classe média) que mais cortes estão a ser feitos. De igual modo, é nos serviços (as profissões liberais são o resto destes novos empregos que chegaram com abril) que mais violentamente está a bater a recessão. Onde fica a classe média? Na emergência de deixar de o ser — e são mais de 2 milhões de famílias.

Os políticos devem-lhes um pedido de desculpas mas, na realidade, estes políticos são também parte desta nova classe que emergiu depois de 1974. Se a crise a fizer desaparecer, precipitando-a na escada social, o que vai sobrar de Portugal?